

Stéphane Mallarmé — cartas sobre literatura.

Sandra M. Stroparo

A ideia de apresentar algumas das cartas escritas por Stéphane Mallarmé ao longo da vida gera um certo drama: são doze volumes organizados e publicados entre 1959 e 1985, mais um, com novos achados, de 1998. Sob qualquer critério: pessoal, burocrático-profissional, crítico, criativo, sério, lúdico, depressivo, exultante... para qualquer gosto, a quantidade e, redundante afirmar, o interesse dos textos, gera possibilidades numerosíssimas de seleção. Considerando os objetivos deste número da revista e as cartas já apresentadas no artigo sobre as traduções de Poe feitas por Baudelaire e Mallarmé, a seleção aqui oferecida procura, modestamente, oferecer um rápido panorama epistolar do autor no que tange às questões literárias que foram, na verdade, o oxigênio de toda sua vida.

A obra de Mallarmé, muito particular em suas complexidades, transferiu para o autor uma certa aura de "difícil" que o grande volume de cartas, para uma vida que não foi muito longa (1842-1898), desmente. As cartas revelam uma intensa atividade intelectual unida a uma grande disposição em relação aos amigos e uma personalidade socialmente articulada, ainda que avessa a badalações e autopromoções de todo tipo. Mallarmé sempre se mostrou preocupado em atender e amparar os amigos que pudessem precisar de algo: de uma resenha generosa para uma obra recém-lançada a um abaixo-assinado com comprometimento político, como foi o caso do desagravo de vários artistas em defesa de Émile Zola depois do seu "J'accuse". Mesmo os desconhecidos que lhe mandavam algum poema ou livro, pedindo uma leitura, não ficaram sem um resposta. Nos últimos anos de sua vida, quando já tinha alcançado uma certa fama literária, era bastante procurado: as cartas aumentam em número e diminuem um pouco de tamanho; os últimos volumes da coleção de sua correspondência concentram-se em poucos anos. Muitos textos, valiosos, encaminhados para jornais e revistas, e inúmeras cartas amáveis foram enviadas: boa parte delas (acredita-se que a maior parte, na verdade) foi

recuperada. Disso tudo emerge um homem, um escritor, um marido, um pai e um grande amigo de seus amigos.

O trajeto biográfico do autor configurou a sua história epistolar. Nascido em uma família de classe média, de funcionários públicos franceses, perde a mãe cedo e passa parte da infância e a adolescência em colégios internos que, aparentemente, forjaram sua sensibilidade e dos quais tem uma péssima lembrança. A correspondência de fato adulta começa em 1862, a partir do momento em que ele se decide profissionalmente: a carreira de professor de inglês acena como a possibilidade mais adequada a suas inclinações pessoais. Passa uma temporada em Londres, para aprimorar a língua, mas em 1863 já está trabalhando em um liceu de Tournon. Casado com a alemã Marie, verá sua filha Geneviève nascer um ano depois. Passando ainda por Besançon e Avignon, apenas em 1871 a família se instala em Paris. Nesse mesmo ano nasce seu filho, Anatole, que vive até os 8 anos, o que deixa na família e na obra do autor marcas perenes de tristeza.

Os anos passados na província foram chamados por ele de "exílio", mas são responsáveis pela sua formação como poeta e pela definição do que chamava de "Obra". Já em Paris, as relações se multiplicam, sua obra, mesmo publicada apenas em periódicos, começa a ganhar repercussão. Sua morte súbita, em Valvins, onde costumava passar o verão, se dá quando ele já era não só bastante respeitado e procurado, especialmente entre artistas mais jovens, como oficialmente reconhecido: com a morte de Verlaine, foi escolhido como príncipe dos poetas e o governo francês tinha lhe concedido uma aposentadoria do trabalho como professor e uma pensão especial concedida a artistas importantes para o país.

Esta pequena seleção de cartas procura ser uma amostra da biografia literária de Mallarmé, visando também expor alguns destinatários relevantes. A vocação poética, a descoberta do Nada, a idealização da Obra, o olhar sobre a obra de outros autores. Uma só delas não foi escrita por Mallarmé, mas por Gide, em 1897, depois da leitura da primeira versão de *Un coup de dés*: escolha justificada pela riqueza de observações.

A Henri Cazalis

Tournon, domingo à noite. [30 de outubro de 1864]

Meu bom Henri,

A triste carta negra¹ que recebemos ontem me fez compreender teu silêncio. Triste! pobre amigo, um outro luto vem te afligir e tudo que foi tua infância se vai ao mesmo tempo! Nós te lamentamos do fundo do coração, porque conheço esta solidão fria que geram, quando vão, os entes queridos que dirigiram nossos primeiros anos.

Mas, afastemos por um momento de nosso horizonte esses pássaros fúnebres, e fixemos juntos nossos olhares sobre o azul pálido de outono que passa, por esses tempos, em nossos pensamentos.

Que andas fazendo? Trabalhas a medicina, já, sem se desinteressar por colocar uma última vez a mão em tuas pedrarias literárias — pedrarias azuis que caem, com um adorável balbucio, como a água de um jato de água, em pérolas, sob um raio de lua.

Quanto a mim, aí estou resolutamente com as mãos na obra. Comecei enfim minha *Hérodíade*². Com terror, porque invento uma língua que deve necessariamente brotar de uma poética muito nova, que poderia definir nestas duas palavras: *Pintar, não a coisa, mas o efeito que ela produz.*

O verso não deve, portanto, no poema, ser composto por palavras; mas por intenções, e todas as palavras devem se apagar perante a sensação. Não sei se me entendes, mas espero que me aproves quando tiveres conseguido. Porque *eu quero* — pela primeira vez em minha vida — conseguir. Não tocaria nunca mais em minha pluma se fosse derrubado.

Considera que esses esforços, bem incomuns, me cansam e me esgotam, ao ponto de não poder apertar tua mão com uma carta senão raramente.

¹ A mãe de Cazalis acabara de morrer.

² Deixarei os títulos em seus originais.

Pena! o *baby* vai me interromper³. Já tive uma interrupção, a presença de nossa amiga⁴ — com quem, na verdade, o demônio da perversidade me fez ser muito amargo, não sei por quê — . Além disso faz um desses dias tristes e cinzas, em que

O poeta afogado sonha versos obscenos.⁵

Até os escrevi, mas não os enviarei porque as perdas noturnas de um poeta deveriam ser mais que vias lácteas, e a minha não é mais que uma mancha vã.

Adeus, meu Henri, é impossível hoje fazer brotar de meu cérebro duas ideias coerentes. Mas te abraço, o que vale mais. Marie aceita minha proposta de também fazê-lo. Acredito que ela será *uma mãezinha* em quinze dias; tu o saberás assim que.

Teu,

Stéphane

]]]]]]

³ Marie, a esposa de Mallarmé, estava grávida. O bebê, Geneviève, nasceria em menos de um mês, em 19 dez. 1864. Marie se considerava, e o sentimento era recíproco, muito amiga de Cazalis, que havia feito um certo papel de Cupido entre os dois quando eles, Mallarmé e Marie, ainda estavam em Londres.

⁴ Uma senhora, Madame Seignobos, que havia feito uma visita ao casal.

⁵ *Le poète noyé rêve des vers obscènes.*

A Villiers de l'Isle-Adam.

Tournon, 31 de dezembro de 1865.

Meu bom Villiers,

Uma carta entre nós dois é uma melodia banal que deixamos correr ao acaso, enquanto nossas duas almas, que se entendem tão maravilhosamente, fazem um baixo natural e divino para sua vulgaridade. Acredito, de resto, que temos este talento de só saber juntar duas palavras quando escrevemos um Poema: acrescento que, desde essa manhã, preenchi quatro dezenas de envelopes dedicados a seres encantadores que encontrei em outros tempos e que me amaram, e que não tenho a crueldade de esquecer. Mas não estou mais em seus diapasões, e não posso lhes oferecer mais que palavras vazias. Essa fadiga, com o ódio de escrever quando não para a Arte, me escusará, não é, pois faço essa concessão à realidade ao querer que, sentindo-o sempre perto de mim e em minha solidão, receba um papel meu no dia primeiro do ano.

Trabalha, meu bom amigo, no teu exílio? Fala disso. Quanto a mim, tive todos os aborrecimentos desde meu retorno a Tournon, meu tempo esfacelado pelo colégio, uma visita aborrecida de um mês feita a minha mulher por uma irmã que não me é simpática, e, há quinze dias, quando eu admiravelmente sonhava inteiro meu poema *Hérodíade*, fui interrompido pela morte de um avô, que me levou a Versalhes. Mas vou me por a trabalhar novamente, com felicidade! Tenho o plano de minha obra e sua teoria poética, que será a que segue: “gerar impressões as mais estranhas, claro, mas sem que o leitor esqueça, por elas, por um minuto, o prazer que lhe concederá a beleza do poema”. Em uma palavra, o tema de minha obra é a Beleza, e o tema aparente é apenas um pretexto para chegar até Ela: é, acredito, a palavra da Poesia.

Envio-lhe o tom exato do verso, em um pequeno poema composto depois do trabalho da noite e ao qual aclimatei meu espírito em sua lembrança.⁶ O poeta, temeroso,

⁶ “*Le jour*” ou “*Poème nocturne*”. CM, I, p. 193, n.1.

quando chega a malvada aurora, do broto fúnebre que foi sua embriaguez durante a noite iluminada, e vendo-o sem vida, sente a necessidade de levá-lo a sua mulher que o reanimará⁷.

Meu papel está cheio, é uma razão como outra, para não escrever por toda a noite, aperto-lhe as mãos com todo meu coração desejando-lhe um belo e grande ano, — seu amigo,

Stéphane Mallarmé.

= Queira apresentar meus respeitos e meus votos a sua família. =

= Vi todo mundo em Paris, voltando de Versalhes; meu Deus, como o senhor fez falta! =

Descobriu, enfim, minha prima Deszilles? — Adeus =

}}}}}

⁷ Esse é um bom exemplo de como a sua linguagem poética se mistura à correspondência — ou o contrário... Mesmo ao glosar o poema Mallarmé mantém a sintaxe particular aos versos. Mas o que há aí, ainda, é uma mera interpolação sintática, sem a presença das elipses que serão uma constante um pouco mais tarde em sua obra. As cartas nos permitem localizar essa mudança, pelo que a crítica chama de "Mallarmé experimentador", a partir do ano seguinte, 1866.

A Cazalis

Tournon, sábado de manhã [28 de abril de 1866].

Meu caro Henri,

É preciso reconhecer que abusaste com uma estranha malícia de uma palavra jogada em um sorriso, e que desmentia naturalmente a carta que te escrevi no dia de ano-bom e que deixaste sem um aperto de mãos. Eu, eu ainda esperava⁸.

— Tenho então três meses para te contar, em grandes linhas; é assustador, todavia! Passei-os aferrado a *Hérodíade*, minha lâmpada o sabe! Escrevi a abertura musical, ainda quase em estado de esboço, mas posso dizer sem presunção que ela será de um efeito inaudito, e que a cena dramática que conheces é perto desses versos apenas uma imagem vulgar de Épinal⁹ comparada a uma tela de Leonardo da Vinci. Serão necessários ainda três ou quatro invernos para terminar essa obra, mas terei enfim feito o que sonho ser um Poema, — digno de Poe e que os seus não ultrapassarão.

Para te falar com essa segurança, eu que sou a vítima eterna do Desencorajamento, é preciso que eu entreveja verdadeiros esplendores!

Infelizmente, escavando o verso a este ponto, encontrei dois abismos que me desesperam. Um é o Nada, ao qual cheguei sem conhecer o Budismo¹⁰, e ainda estou muito consternado para poder crer até mesmo em minha poesia e me recolocar no trabalho que esse pensamento esmagador me fez abandonar. Sim, *eu o sei*, somos apenas formas vãs da matéria, — mas bastante sublimes para ter inventado Deus e nossa alma.

⁸ Mallarmé aqui responde às seguintes palavras de Cazalis, em carta de 1º de abril: "... enfim é muito absurdo. Não nos vemos mais ou não nos escrevermos mais por causa da pálida da *Hérodíade*! — Emmanuel me diz que meu silêncio te entristeceu, *povero*. Mas tu me imploraste para não vir ver-te antes da partida de *Hérodíade*: tua porta estava fechada: um pouco por malícia, confesso, pensei dever respeitar o aviso que tinhas dado." CM, 1995, p.297, n. 1.

⁹ Comuna francesa do departamento de Vosges, no nordeste do país, com história importante que a remete ao mundo romano e bárbaro, graças a uma posição algo central na geografia europeia.

¹⁰ Foi através de Lefébure, provavelmente, que Mallarmé teve acesso a informações sobre o budismo e isso teria se dado durante a visita de Lefébure, para a Páscoa (entre 30 mar. e a 1ª semana de abril). A "descoberta" do Nada, portanto, através dos trabalhos sobre os versos de *Hérodíade*, se realizara durante o inverno.

Tão sublimes, meu amigo! que quero me dar este espetáculo da matéria, tendo consciência de si própria, e, entretanto, lançando-se loucamente no sonho que ela sabe não ser, cantando a Alma e todas as divinas impressões similares que se acumularam em nós desde as primeiras eras, e proclamando, frente ao Nada¹¹ que é a verdade, essas gloriosas mentiras! Tal é o plano de meu volume Lírico e tal será talvez seu título, A Glória e a Mentira, ou a Gloriosa Mentira. Cantarei como desesperado!¹²

Se eu viver tempo suficiente! Porque o outro vazio que encontrei é o de meu peito. Não vou mesmo muito bem, e não posso respirar longamente e nem com a volúpia do bem-estar. Enfim, não falemos disso. O que me entristece somente é pensar, se não estou destinado a ver senão alguns anos, quanto tempo eu perco para ganhar minha vida, e quantas horas, que não terei mais, deveriam ser destinadas à Arte!

De fato, quantas impressões poéticas eu teria, se não fosse obrigado a picar todos os meus dias, acorrentado continuamente ao mais tolo trabalho, e ao mais cansativo, porque te dizer o quanto minhas classes, cheias de algazarra e pedras lançadas, me machucam, seria desejar tua piedade. Eu volto, abestalhado. Esse é o porquê, meu amigo, de eu ter me servido desse cruel labor noturno. Quanto a agora, repouso (apesar de não participar da primavera, que me parece estar em milhões de lugares atrás de minhas vidraças) e, fugindo do caro suplício de *Hérodiade*, me recoloco no 1º de maio em meu *Faune*, tal como o concebi, verdadeiro trabalho estival!

Só me interromperei para a correção de meus poemas do *Parnasse*, que espero receber logo em suas provas, se não me esquecerem de qualquer modo. O que me dizes dos primeiros retoques me consterna¹³. Eles não podem, entretanto, ser ruins em bloco;

¹¹ É importante notar que o autor usa aqui a palavra *rien*, enquanto nos outros "nadas" da carta ele havia usado *néant*: em francês elas têm alguns usos diferentes mas em português só podemos usar a equivalência "nada" para ambas.

¹² Esta é, certamente, uma das cartas mais importantes de Mallarmé, justamente porque temos aqui a descrição do processo de descoberta e conquista do Nada. Bertrand Marchal, em seu *La religion de Mallarmé*, vai demonstrar a importância dessa questão por seu aspecto estritamente estético-literário e não de especulação filosófica: é, como diz o poeta, *en creusant le vers*, escavando o verso, aprofundando-se nele, que Mallarmé chega ao abismo do Nada que definirá todos os seus procedimentos de criação a partir desse momento. O conceito de despersonalização na poesia moderna (desenvolvido por Hugo Friedrich em seu *Estrutura da lírica moderna*, para tratar de Rimbaud e Mallarmé) parece nos explicar um dos principais objetivos alcançados por esse processo descrito na carta, embora não precisemos lê-lo com a radicalização desumanizante com que o crítico alemão o fez.

¹³ Cazalis havia dito que Catulle Mendès considerava que Mallarmé corrigia demais seus poemas (CM, 1995, p.299, n.1), o que certamente dificultava o trabalho de impressão da revista. Nas cartas escritas a Mendès podemos ter uma ideia desse cuidado extremado do autor.

ou seria um sinal de degradação. Eu, que creio em uma superioridade real do agora sobre o antes, acho-os, à exceção de um deles, ou dois, que não são definitivos, excelentes; e minha consciência me impede de nada mudar. Teria desejado que Catulle¹⁴ me indicasse aqueles de que ele não gostou.

Adeus, meu bom Henri, não te inquietes por certas passagens de minha carta, não trabalharei à noite, neste verão, mas vou retomar minhas belas manhãs azuis. Não te aflijas, mais, por minha tristeza, que vem talvez da dor que me causa a saúde de Baudelaire¹⁵, que por dois dias acreditei morto, (Oh! que dois dias! ainda estou aterrado pela infelicidade presente).

Marie, que anda sempre pálida e fraca, te estende a mão fria, e Geneviève, uma verdadeira mulherzinha, andando, falando, e que tu devorarias com beijos, faz seu mais belo sorriso em tua intenção e te oferece um de seus papeizinhos.

Adeus,

teu

Stéphane

Amizades a todos, particularmente a Henri Regnault.

Se queres ver a Ardèche e a Provença comigo, apressa-te porque é provável que me acerte para ir a Sens, o isolamento mata Marie, que não vê nenhum ser humano, e Tournon se tornou odiosa para mim. —

Percebo que deixei ir minha pena, e não te disse nada sobre minha viagem encantada. Lefébure levantou a cortina que sempre me havia escondido a atmosfera de Nice e eu me embriaguei completamente com o Mediterrâneo. Ah! meu amigo, como este céu terrestre é divino!¹⁶

¹⁴ Catulle Mendès.

¹⁵ Na Bélgica, no início do ano, Baudelaire havia sofrido uma crise e mergulhado em uma afasia que se transformara em paralisia desde o mês de março. Ele permaneceria bastante doente até sua morte, em agosto de 1867.

¹⁶ Acentua-se aqui a importância dessa carta ao descrever a viagem em que várias questões parecem se organizar: a divindade do homem localizada em si próprio e a representação do paraíso ao alcance da mão: o céu terrestre. Bertrand Marchal chama a atenção para isso em "Toast funèbre" e "Prose"). CM, 1995, p.300, n. 1.

Teu nome estava em nossos lábios a cada dois minutos, e acompanhado das mais ingênuas explosões de riso. Eras o personagem bufão e listrado de rosa deste maravilhoso conto encantado. Não te aborreças!

Lefébure está devastado, pelo sonho, é verdade, mas por todos os escroques do litoral que se precipitaram contra sua vila. Ele não tem mais que um par de meias que *sua governanta* guardou para ele, e, imóvel, reclama os outros implorando à polícia e Brama¹⁷, fontes e fins das coisas!

Ele deve ter te escrito, eu acho. Adeus, de novo, não me esqueças mais.

Teu

Stéph.

∞∞∞∞

¹⁷ Deus supremo do panteão hindu.

A Paul Verlaine.

Besançon, 20 de dezembro de 1866.

Senhor e caro Poeta,

Permita-me ver na especial atenção que o senhor teve de enviar-me seu volume¹⁸, sem conhecer-me, tanto quanto uma simpatia literária, o pressentimento maravilhoso de uma amizade ignorada. O senhor chegou à frente de um desejo de lhe apertar a mão, que tinha sentido depois da leitura de seus versos, no *Parnasse*. Agradeço-lhe duplamente, — e ainda mais! porque estes *poemas saturnianos* me salvaram durante alguns dias da inépcia em que me mantém a algazarra de uma mudança¹⁹, e destacaram as vergonhas da realidade.

Não foi mais, portanto, em Tournon que seu livro me encontrou, mas em Besançon, em meio a caixotes virados, móveis quebrados, — visitas (necessárias para obter a tranquilidade daqueles de quem depende minha sorte e meu trabalho). Sinto-me tão cansado, não tendo ainda um quarto, mobiliado com meu pensamento, mas vivendo em um corredor, que preferiria as últimas lutas a aquelas de escrever uma carta. Parece-me então que terço armas com um inimigo, tanto sofro por parecer tal como estou no presente momento. Permita-me então deixar meu espírito em sua capa com teias de aranha e poeira acumuladas, e não leve a mal o torpor de minhas frases.

Para continuar as comparações espadachins (perdão! mas já faz mais de um mês que não faço uma comparação!) contarei com que felicidade vi que de todas as velhas formas, parecidas com as favoritas usadas, que os poetas herdaram uns dos outros, o senhor acreditou dever começar por forjar um metal virgem e novo, de belas lâminas, para o senhor, no lugar de continuar a remexer em cinzelarias apagadas, deixando seu aspecto antigo e vago nas coisas. O senhor se fez agora armas que ficará livre para aprofundar (elas têm às vezes um pouco este ar de audácia que só cai tão bem em um primeiro

¹⁸ *Poèmes saturniens*, primeiro livro de Verlaine.

¹⁹ Mallarmé acabara de se mudar-se para Besançon.

10.17771/PUCRio.TradRev.16929

doi

volume). Mas seu livro é em toda sua beleza e acepção romântica um primeiro volume, e que me faz, muitas noites, lamentar minha vaidade de não liberar minha obra de uma só vez, perfeita, e quando não puder mais nada além de piorá-la. E, além disso, gostaria tanto de trocar por sua oferta outra coisa além desta miserável carta banal, na qual só coloco minha assinatura para encontrar mais uma vez um pretexto para apertar-lhe a mão, bem do fundo de meu coração (e *amigavelmente*, o senhor a aceita?), esperando uma boa conversa, em tempos melhores, — que serão já melhores, mesmo se eu fosse condenado para sempre a minha bobagem atual, só pelo fato de que o verei! Nesse momento só teria a coragem de recitar-lhe todos os versos dos *poemas saturnianos* que sei de cor, preferindo, tanto ainda estou fora de mim, suspender-me na volúpia que eles me dão, a explicá-la.

O senhor terá, após meu trabalho deste inverno, uma verdadeira leitura, e até lá, viverá ao meu redor como meus amigos ausentes?

Seu todo devotado,

Stéphane Mallarmé

Rue de Poithune, 36, à Besançon.

}}}}}

A Henri Cazalis

Besançon, 36, rue de Poithume,
Sexta-feira, 14 de maio de 1867.

Querido e caro,

Aproveito para te responder com a emoção encantadora causada em mim por tua carta.

Tens razão, que dizer? Quanto mais, se estivéssemos um perto do outro, nos deixaríamos ir, mão na mão, em conversas intermináveis, em uma grande aleia que terminaria em um jato de água, tanto mais a angústia de uma folha de papel branco — que parece pedir os versos tão longamente sonhados, e que só teria algumas linhas de uma amizade que acabou de tal maneira por fazer parte de nós mesmos que a esquecemos, como o resto de nós próprios — nos afasta quase de um sacrilégio!²⁰

Acabo de passar um ano angustiado: meu Pensamento se pensou, e chegou a uma Concepção pura. Tudo que, em contragolpe, meu ser sofreu, durante essa longa agonia, é inenarrável, mas, felizmente, estou perfeitamente morto, e a região mais impura em que meu Espírito pode aventurar-se é a Eternidade — meu Espírito, esse solitário frequentador de sua própria Pureza que não obscurece mais nem mesmo o reflexo do Tempo.

Infelizmente, cheguei aí através de uma horrível sensibilidade, e já é tempo de envolvê-la em uma indiferença exterior, que substituirá para mim a força perdida. Aí estou, após uma síntese suprema, nessa lenta aquisição da força — incapaz, vês, de me distrair. Mas quanto mais ainda estava, há muitos meses, no início em minha luta terrível com essa velha e miserável plumagem, abatida, felizmente, Deus.²¹ Mas como essa luta se tinha passado sobre sua asa ossuda que, por uma agonia mais vigorosa que eu não

²⁰ Esse é um parágrafo precioso para comentários específicos sobre a sintaxe mallarmaica; além disso, é claro, pode também gerar discussões interessantes em torno da ideia de sacrilégio aventada em seu final.

²¹ A crítica enxerga nesse ponto a renovação da imagem da luta entre Jacó e o Anjo, já utilizada pelo autor em carta ao mesmo Cazalis, em abril de 1865 (nesse trabalho, ver n. 48). Note-se que o autor, ainda que esgotado, afirma a vitória sobre o "ser plumado", sobre Deus.

tivesse suspeitado nele, me tinha levado para as Trevas, eu caía, vitorioso, perdida e infinitamente — até que enfim me revi um dia frente a meu espelho de Veneza, tal como me havia esquecido muitos meses antes.

Reconheço, de resto, mas apenas para ti, que ainda sinto necessidade, tão grandes foram as avarias de meu triunfo, de me olhar nesse cristal para pensar, e que se ele não estivesse frente à mesa onde te escrevo esta carta, voltaria a ser o Nada. Isso é para te mostrar que sou agora impessoal, e não mais o Stéphane que conheceste, — mas uma aptidão que tem o Universo Espiritual de se ver e se desenvolver, através do que foi eu.²² Frágil como está minha aparição terrestre, só posso suportar os desenvolvimentos absolutamente necessários para que o Universo reencontre, neste eu, sua identidade. Assim acabo de, na hora da Síntese, delimitar a obra que será a imagem desse desenvolvimento. Três poemas em versos, sendo Hérodiade a Abertura, mas de uma pureza que o homem não esperou — e não esperará talvez nunca, porque poderia ser que eu fosse o brinquedo de uma ilusão somente, e que a máquina humana não seja suficientemente perfeita para chegar a tais resultados. E quatro poemas em prosa, sobre a concepção espiritual do Nada.

Preciso de dez anos: será que os terei? Sofro sempre muito do peito, não que ele esteja atacado, mas é de uma horrível delicadeza que o clima negro, úmido e glacial de Besançon mantém. Quero deixar essa cidade pelo Midi²³, os Pireneus talvez, nas férias, e ir me inumar, até minha Obra feita, em uma Tarbes²⁴ qualquer, se encontrar lá um lugar. Isso é necessário, porque morrerei num segundo inverno em Besançon. Infelizmente, não terei dinheiro para ir a Paris, vivendo muito miseravelmente, aqui, onde tudo é muito caro, mesmo as costeletas. Seria preciso portanto que viesses me ver, ou arriscamos muito nunca mais nos reunirmos. Lefébure vai passar um mês perto de nós, não fazes como ele? Tuas férias começam logo, eu acho. Vem então.

Para terminar com o que me concerne, direi que Marie e Geneviève crescem, e estão assustadoramente diabólicas, o que me é menos doloroso que antes, meu sistema nervoso se tendo invertido por assim dizer, e uma inépcia me fazendo o mal que me

²² Em 15 de maio de 1871, quatro anos após esta carta de Mallarmé para Cazalis, um Rimbaud de 16 anos de idade escreve uma carta para seu amigo Paul Demeny onde lemos a frase: *Je est un autre*; "Eu é um outro".

²³ Designação genérica para o sul da França, especialmente a Provença.

²⁴ Cidade pequena ao sul da França, no departamento Haute-Pyrénées.

faziam os gritos dessas crianças, há um ano. — Se soubesses como te agradecemos a *Arithmétique de Mademoiselle Lili!* Perdoa, Henri, de não ter transmitido esse agradecimento antes.

— Agora, de ti. Teus títulos e teus projetos poéticos me entusiasмам. Fiz uma descida ao Nada longa o suficiente para poder falar com certeza. Há somente Beleza; — e ela só tem uma expressão perfeita, a Poesia. Todo o resto, é mentira — exceto, para aqueles que vivem do corpo, o amor, e, este amor do espírito, a amizade.

Espero que tua rainha de Sabá e minha Hérodiade sejam duas amigas. — Já que és suficientemente feliz para poder, além da Poesia, ter o amor, ama: em ti, Ser e Ideia terão encontrado esse paraíso, que a pobre humanidade só espera em sua morte, por ignorância e por preguiça, e, quando sonhares com o Nada futuro, essas duas felicidades realizadas, não ficarás triste, e até acharás muito natural. — Para mim a Poesia me toma o lugar do amor, porque ela é apaixonada por si própria e sua voluptuosidade, dela, recai deliciosamente em minha alma: mas asseguro que a Ciência que adquiri, ou encontrei no fundo do homem que fui, não me seria suficiente, e que não seria sem um aperto do coração real que entraria no Desaparecimento supremo, se não tivesse terminado minha obra, que é a *Obra*, a Grande-Obra, como diziam os alquimistas, nossos ancestrais.

Então, ainda que o Poeta tenha sua mulher em seu Pensamento, e seu filho na Poesia, adora Ettie²⁵, a quem amo, eu, como a uma rara irmã. Ela não está ligada a toda a minha infância?, como tu, Henri²⁶, — porque antes de meus primeiros versos, que remontam ao tempo em que te conheci, nós éramos apenas fetos bastante sabáticos, lembra? Adeus, nós te abraçamos, Geneviève e eu, e Marie abraça Ettie.

Teu

Stéphane.

— Se encontrares meus amigos, diga-lhes, no caso de eles me amarem e de que meu silêncio lhes custe, que os recompensarei bem um dia desse esquecimento voluntário, com um Novo-Êxtase para eles, como ainda para mim.

²⁵ Namorada de Cazalis.

²⁶ Isso a que Mallarmé chama aqui de infância se refere à primavera de 1862, cinco anos antes dessa carta, portanto, quando ele contava com vinte anos de idade.

— Li esses tempos o poema de Mistral²⁷, que não li antes, mas que me pareceu verdadeiramente fraco.

— O livro de Dierx²⁸ é um belo desenvolvimento de Leconte de Lisle. Será que ele irá se separar dele como eu de Baudelaire²⁹?

]]]]]]

²⁷ Frédéric Mistral (1830-1914), poeta provençal, fundador do Félibrige e Nobel de Literatura em 1904. O poema a que Mallarmé se refere é *Calendau*, segunda obra do poeta. O Félibrige foi um grupo literário que se organizou a partir de 1854, para valorizar a cultura e a língua occitana (langue d'Oc) e cujos membros Mallarmé frequentou, especialmente durante o seu período em Avignon. Théodore Aubanel foi a sua principal relação nesse grupo.

²⁸ Léon Dierx (1838-1912), discípulo de Leconte de Lisle.

²⁹ A crítica enxerga na obra de Mallarmé um esforço consciente, a partir de 1866, para escolher um caminho diferente do idealismo baudelairiano.

A Eugène Lefébure.

Besançon, segunda-feira 27 de maio de 1867.

Meu bom amigo,

Como vai? Melancólica cegonha dos lagos imóveis, sua alma não se vê aparecer, nesses espelhos, com excessivo tédio — que, perturbando com seu crepúsculo confuso, o encantamento mágico e puro, o lembra que é seu corpo que, sobre uma pata, a outra dobrada machucada entre as plumas, se mantém, abandonado? De volta ao sentimento de realidade, escuta a voz gutural e amiga de uma outra velha plumagem, garça e corvo ao mesmo tempo, que se abate perto do senhor. Contanto que todo esse quadro não desapareça, para o senhor, no estremecer e nas rugas atrozes do sofrimento! Antes de nos deixarmos ir pelo nosso murmúrio, verdadeiro falatório de pássaros parecidos com juncos, e misturados a seu vago estupor quando nos voltamos de nossa fixidez sobre a lagoa do sonho para a vida — sobre a lagoa do sonho, onde jamais pescamos mais que nossa própria imagem, sem sonhar com as escamas de prata dos peixes! — perguntemo-nos entretanto como estamos aí, nesta vida! Reitero assim minha primeira pergunta, irmão: “*Como o senhor está? E quanto avançou este restabelecimento?*”

Enviarei amanhã dois volumes divinos de novelas de Madame Valmore³⁰: “Huit Femmes”. Mulheres como ela!

O *Parnassiculet*³¹ — palavra abominável! — esgotou, mas saberei extraí-lo, assim como o *Nain Jaune*³², (e enviá-los) do temor de des Essarts, que deve deter estoques misteriosos, escondidos por ele para a posteridade. Quanto a minhas linhas a lápis, estão bem fracas — mas meu pensamento está tão nu ainda e tão horrivelmente sensível — que eu tenho medo de tocá-lo. Meu coração está perto do senhor, o que resta

³⁰ Marceline Desbordes-Valmore (1786-1859), poeta francesa admirada por Balzac e Verlaine, que teria utilizado o seu ritmo para versos hendecassílabos em *Romances sans paroles*.

³¹ Obra que parodiava criticamente o *Parnasse contemporain*.

³² Barbey d’Aurevilly havia publicado em *Le nain jaune* (título satírico significando “o anão amarelo”), em outubro e novembro de 1866, “Les trente-sept Médaillonets du Parnasse” (os trinta e sete medalhões do Parnaso).

dele! — e é tão pouco, que prefiro deixá-lo com o senhor em depósito que empregá-lo, pois tenho medo de usá-lo: é portanto meu bom velho corpo de gato que se esfrega em sua poltrona, esperando tirar dela algumas faíscas. — O senhor me compreende o suficiente, amigo, para não me perguntar mais que isso.

Também não colhi mais nada, digno de ser repetido, na revista que faço às segundas-feiras dos jornais e revistas — a não ser um artigo de Montégut da *Revue des deux mondes* de 15 de maio em cujas belas quatro ou cinco primeiras páginas senti e vi com emoção meu livro. Ele trata do Poeta Moderno, do último, que, no fundo, “é um crítico antes de tudo”³³. É exatamente o que observo sobre mim — criei minha Obra apenas por *eliminação*, e toda verdade adquirida só nascia da perda de uma impressão que, tendo faiscado, tinha se consumido e me permitia, graças a suas trevas descobertas, avançar mais profundamente na sensação das Trevas Absolutas. A Destruição foi minha Beatriz.³⁴

E se falo assim de *mim*, é porque ontem terminei o primeiro esboço da Obra, perfeitamente delimitado, e imperecível se eu não perecer. Eu a contemplei, sem êxtase e sem susto, e, fechando os olhos, *eu achei que isto era*. A Vênus de Milo — que me agrada atribuir a Fídias, de tal forma o nome deste grande artista transformou-se em algo genérico para mim; La Gioconda de da Vinci; parecem-me, *e são*, as duas grandes cintilações da Beleza sobre esta terra, e esta Obra, tal como está sonhada, a terceira. A Beleza completa e inconsciente, única e imutável, ou a Vênus de Fídias, a Beleza, ferida em seu coração desde o cristianismo, pela Quimera, e dolorosamente renascendo com um sorriso cheio de mistério, mas de mistério forçado e que ela *sente* ser a condição de seu ser. A Beleza, enfim, tendo, pela ciência do homem, reencontrado no Universo inteiro *suas fases correlatas*, tendo recebido dela a palavra suprema³⁵, tendo se lembrado do

³³ É obviamente importante, e precoce, a afirmação destacada por Mallarmé, de que o poeta é “um crítico antes de tudo”.

³⁴ Certamente uma das frases mais importantes das cartas do autor. Além da preciosidade da referência, a clara necessidade de Mallarmé de colocar-se, a si próprio, no âmbito de uma tradição que admirava. O respeito a um certo cânone, como se verá em seguida, é um dos motores desta carta, convivendo com um ligeiro surto de imodéstia juvenil.

³⁵ Cf. a carta à Cazalis de 13 de julho de 1866: “... Hérodiade, onde me coloquei inteiro sem sabê-lo, [...] e da qual enfim encontrei a palavra final...”. Se a Vênus de Milo é a figura da Beleza inconsciente da antiguidade, se a Gioconda é a figura da Beleza cristã, Hérodiade é aquela da Beleza moderna a partir de então consciente de si mesma. CM, 1995, 349, n. 1. Estendendo esse comentário de B. Marchal,

horror secreto que a forçava a sorrir desde o tempo de da Vinci, e a sorrir misteriosamente — sorrindo misteriosamente agora, mas de felicidade e com a quietude eterna da Vênus de Milo reencontrada — tendo conhecido a ideia do mistério do qual a Gioconda sabia apenas a sensação fatal.

— Mas não me orgulho, meu amigo, deste resultado, antes me entristeço. Porque tudo isso não foi encontrado pelo desenvolvimento normal de minhas faculdades, mas pela via pecadora e prematura, satânica e *fácil* da Destruição do eu, produzindo não a força, mas uma sensibilidade, que, fatalmente, conduziu-me até lá. Não tenho, pessoalmente, nenhum mérito; e é até mesmo para evitar este remorso (de ter desobedecido à lentidão das leis naturais) que prefiro me refugiar na impessoalidade — que me parece uma consagração. De qualquer modo, *sondando-me*, é nisso que creio. “Não acho que meu cérebro se apague antes do término da Obra, porque, tendo tido a força de conceber, e tendo aquela de receber agora a concepção (de compreendê-la), e provável que ele tenha a força de realizá-la. Mas é meu corpo que está *totalmente esgotado*. Depois de alguns dias de tensão espiritual em um apartamento, congelo-me e miro-me no diamante deste vidro, — até uma agonia: então, quando quero revivificar-me no sol da terra, ele derrete-me — mostra-me a profunda desagregação de meu ser físico, e sinto meu esgotamento completo. Acredito ainda, entretanto, sustentando-me pela vontade, que se tivesse todas as circunstâncias (e até aqui não tenho nenhuma) para mim — isto é, se elas não existissem mais, eu terminaria minha obra. É preciso, antes de tudo, por uma vida de cuidados excepcionais, impedir a devastação — que começará pelo peito, infalivelmente. E até aqui o Liceu e a falta de sol — (seria necessário um calor contínuo), a minam. Tenho às vezes vontade de mendigar na África! A Obra terminada, pouco me importa morrer; ao contrário, teria tanta necessidade de repouso! — Mas paro porque minha carta começa, minha alma esgotada, a se voltar para lamentações carnisais ou sociais, o que é nauseabundo. Até sexta-feira. Com amor,

Seu

Stéphane.

consideremos que essa Beleza moderna recebe a "palavra suprema" da "ciência" para se tornar "consciente de si mesma".

Estava esquecendo de contar que o que me tinha causado esta emoção no artigo de Montégut era o nome de Fídias no começo, e uma invocação a da Vinci — estes dois ancestrais reunidos graças a minha obra, antes de falar do Poeta Moderno!

[A lápis, em outras folhas:]

Como, mesmo através de todos os obstáculos, Circunstâncias e Bobagem, — circunstâncias, bobagens da Vida, — a Ideia irrompe sempre com sua palavra justa e fatal: a mulher ignóbil, e vulgar, encontra o *summum* de sua preocupação no que é a abjeção do estado feminino, passivo e doente, destruição passiva como ativamente ela o é para nós, *suas regras* — que ela chama “afazeres” — como o homem, tão nobre quando é apenas um exemplar puro da Vida, e tão imbecil quando ele a desenvolve em suas necessidades sociais — encontra o ápice de sua preocupação nestas necessidades que ele denomina igualmente “afazeres”. E um e outro se afirmam por essas misérias, (que seriam grandezas se elas tivessem chegado a sua Beleza, — quando a Mulher, transformada no lugar de Doença na Destruição, é cortesã, ou o Homem, transformado, no lugar de um cérebro em um Espírito —) eles se afirmam, orgulhosos, eu diria, através dessas misérias, e respondem com este ar de Mistério — que não se pôde apagar mesmo nessas tristezas, tal é a marca indelével de Beleza — mesmo da Beleza da Bobagem — “Tenho meus afazeres.” Significando, os dois, duas coisas tão diferentes de aspecto mentiroso, mas no fundo idênticas. Se eu fizesse uma cantata, ela entraria no Coro, e seria dividida em estrofes masculinas, e femininas.³⁶

Já que estamos nessas alturas, continuemos a explorá-las, então aspiraremos descer delas: isto é o que ouvi dizer minha vizinha esta manhã — designando com o dedo o cruzamento que faz frente ao outro lado da rua: “Veja, a senhora Renaudet comeu aspargos, ontem” — “Como sabes disso?” — “Pela panela que ela colocou fora da janela.” — Não é assim toda a província, — sua curiosidade, suas preocupações, e esta

³⁶ Há muito a se comentar, ainda, sobre as posturas gerais de Mallarmé em relação às mulheres.

ciência de ver indícios nas coisas mais nulas — e em que coisas, grande Deus! Dizer que os homens, vivendo uns sobre os outros, chegaram a isso! — Eu não desejo a vida selvagem, porque seríamos obrigados a fazer nossos sapatos e nosso pão, e a sociedade nos permite confiar esses cuidados a escravos que nós assalariamos, mas enervo-me com a solidão excepcional, e, a menos que fossem dois irmãos como nós, ou primos como Catulle, Villiers, ou pais, como nossos mestres dos quais somos filhos, — eu rejeitaria sempre qualquer companhia, para passear meu símbolo em todos os lugares onde vou, e, em um quarto pleno de belos móveis como na natureza, sentir-me um diamante que reflete, mas não existe por si mesmo — aquilo a que somos sempre obrigados a voltar quando acolhemos os homens, apenas para colocar-se na defensiva.

Todo nascimento é uma destruição, e toda vida de um momento, a agonia na qual ressuscitamos o que perdemos, para vê-lo. — Antes ignorávamos isso.

Só aceito um tipo de mulheres gordas: certas cortesãs louras, ao sol, em um vestido negro principalmente, — que parecem reluzir com toda a vida que elas tomaram do homem, dão bem a impressão de que elas engordaram com nosso sangue e, assim, estão em seu verdadeiro dia, uma feliz e calma Destruição: — belas personificações.

De outro modo, é necessário que a mulher seja magra e esguia como uma serpente libertina, em suas toaletes.

Acho que para ser realmente homem, natureza pensando-se, é preciso pensar com todo o corpo — o que gera um pensamento pleno em uníssono como as cordas do violino vibrando conjuntamente com sua caixa de madeira oca. Os pensamentos que saem

unicamente do cérebro (do qual abusei tanto durante o verão passado e uma parte deste inverno) me evocam agora o efeito de árias tocadas na parte aguda da corda mi³⁷, cujo som não se sustenta na caixa, — árias que passam e se vão sem se *criar*, sem deixar traço de si. De fato, não me lembro mais de nenhuma dessas *ideias* súbitas do ano passado. — sentindo uma extrema dor no cérebro no dia de Páscoa, por ter trabalhado apenas com o cérebro (excitado pelo café porque ele não consegue começar a trabalhar por si só, e, quanto a meus nervos, estavam sem dúvida cansados demais para receber uma impressão externa) — tentava não pensar mais com a cabeça, e, por um esforço desesperado, tensionei todos os meus nervos (do *pectus*) de modo a produzir uma vibração, (guardando o pensamento no qual eu trabalhava então que tornou-se o assunto dessa vibração, ou uma impressão), — e esbocei todo um poema por muito tempo sonhado, desta maneira. Desde então, disse a mim mesmo, nas horas de síntese necessária, “Eu vou trabalhar a partir do coração” e sinto meu coração (sem dúvida toda a minha vida aí se deixa ir); e, o resto de meu corpo esquecido, salvo a mão que escreve e o coração que vive, meu esboço se faz — faz-se. Estou verdadeiramente descomposto, e dizer que isso é necessário para se ter uma visão muito unificada do Universo! De outro modo, só a unidade da própria vida é a que se sente. Em um museu de Londres há “o valor de um homem”: uma longa caixa-esquife, com numerosas divisões, onde estão o amido, fósforo, a farinha, garrafas de água, de álcool — e grandes pedaços de gelatina artificial. Eu sou um homem parecido com isso.

Do fundo de seu reduto arenoso, o grilo,
Vendo-os passar, redobra sua canção.

Até aqui o grilo me havia espantado, parecia-me magro como introdução ao verso magnífico e largo como a antiguidade:

Cybele, que os ama, aumenta os seus verdes.³⁸

³⁷ A corda mais aguda do violino.

³⁸ Baudelaire, soneto “Bohémiens en voyage”, in: *Les fleurs du mal*. Esses são os dois primeiros versos do primeiro terceto. *Du fond de son réduit sablonneux, le grillon,/ Les regardant passer, redouble sa chanson./ Cybèle, qui les aime, augmente ses verdure.*

Eu só conhecia o grilo inglês, doce e caricaturista: ontem somente entre o trigo jovem ouvi esta voz sagrada da terra ingênua, já menos decomposta que aquela do pássaro, filho das árvores em meio à noite solar, e que tem qualquer coisa das estrelas e da lua, e um pouco de morte; — mais quanto mais *unificada* que, sobretudo, a de uma mulher, que andava e cantava a minha frente, e cuja voz parecia transparente de mil mortes nas quais ela vibrava — e penetrada de Nada! Toda a felicidade que tem a terra por não ser decomposta em matéria e em espírito no som *único* do grilo! —

∫∫∫∫

A Émile Zola.

Rua de Moscou, 29.

6 de novembro de 1874.

Caro Senhor,

Vi sua farsa amarga³⁹; e agradeço de todo meu coração por ter, durante toda uma noite, me feito rir com o único riso que nos seja permitido, simples e complicado ao mesmo tempo.

A imprensa até agora (falo desses dois ou três últimos dias) deu prova de uma irreflexão absoluta. Qual! uma iluminura popular: sim, mas esse não é também o gosto dos delicados? Quanto a mim, que admiro um cartaz, desenhado e colorido como mais de um, como um teto ou uma apoteose, não conheço um ponto de vista em arte que seja inferior a outro; e aproveito sempre como convém. Que nosso amigo Manet pinte a tela de apresentação do espetáculo que fará uma excelente moldura para os *Héritiers*: toda a imprensa iria aplaudi-los e *descobri-los lá*. Por que ela não isolou o teatro de Cluny; onde se leva esse cenário, ligado à verdadeira tradição francesa!

Adeus, então, e obrigado; adeus porque desejo um dia dizer-lhe o quanto admiro, mas absolutamente, esta obra magistral, a *Conquête de Plassans*⁴⁰.

Cordialmente seu,

Stéphane Mallarmé

}}}}}

³⁹ Trata-se de *Les Héritiers de Rabourdin*, comédia em três atos levada pela primeira vez no Teatro de Cluny, naquele mês.

⁴⁰ Esse é o quarto romance da série dos Rougon-Macquart, publicado em 1874.

A Émile Zola.

Rua de Rome, 87.

Sábado, 20 de novembro de 1875.

Caro Senhor Zola,

Assinalo sobre o *Athenaeum*, o "jornal oficial" da literatura inglesa, (o senhor verá no número em anexo uma nota rápida como as que se lá se pedem) os livros sobre os quais é o caso, a sua publicação, de escrever um artigo especial. O Sr. O'Shaughnessy, um dos principais poetas contemporâneos, já se entendeu com o diretor do jornal para fazer o estudo sobre *Son Excellence Eugène Rougon*; e eu lhe peço para, chegando a hora, endereçar-lhe um dos primeiros exemplares: quem sabe? talvez antes de ser posto à venda, l'*Athenaeum* sendo sempre apressado. Conseguiremos fazer um público inglês para alguns romancistas ou para os poetas de hoje.

Cordialmente seu,

Stéphane Mallarmé.

∞∞∞∞

A Émile Zola.

Rua de Roma, 87.

Sábado, 18 de março de 1876⁴¹.

Meu caro Confrade,

Perdoe não ter lhe agradecido antes; eu o fiz quando o senhor anunciou o envio de seu belo livro. O volume já nas mãos, li de uma só vez; depois, fechado, abri para estudá-lo, fragmento por fragmento, durante alguns dias. Essas duas maneiras de degustar uma obra, que são, uma, a antiga, do tempo dos romances feitos como peças de teatro e a outra, a moderna, quando as próprias condições da vida obrigam a pegar um volume, a deixá-lo, etc.; *Son Excellence Eugène Rougon* se presta igualmente a essa: porque um interesse profundo ali se dissimula admiravelmente sob o acaso, repleto de dobras e de fissuras que o narrador de hoje usa para enriquecer sua concepção.

Um livro cuja estética especial está em absoluto acordo com o modo como seus leitores podem utilizar-se dela é uma obra-prima; e vejamos porquê: preferindo talvez enquanto poeta (e estou errado) estas magnificências mais tangíveis da *Curée* e do *Abbé Mouret*, considero sua última produção como a expressão mais perfeita do ponto de vista do que o senhor terá para sempre a honra de ter compreendido e mostrado na arte desse tempo. Tudo, desde o conceito tão profundo e tão bem demonstrado, e escondido alternadamente, de uma força cindida em dois tipos contraditórios, quer dizer, inimigos e ávidos um pelo outro, Rougon e Clorinde que se completam reciprocamente; tudo, até o estilo, rápido e transparente, impessoal e leve como o olhar de um moderno, seu leitor, que verá exatamente, sim! tudo se mantém em uma harmonia extraordinária e que deveria fazer pasmar de alegria a crítica mais doutrinária, aquela que todas as leis de um gênero literário bem observadas contentam, se houvesse hoje alguma crítica que fosse um pouco lúcida e que acreditasse em qualquer coisa além da fantasia.

⁴¹ Nesse dia Mallarmé completava 34 anos.

Na atraente evolução por que passa o romance, o filho do século, *Son Excellence...* marca ainda um ponto, formidável: onde este gênero se avizinha da história, sobrepõe-se completamente a ela e guarda para ele todo o lado anedótico e momentâneo, eventual; enquanto o historiador do futuro não terá mais que algumas lutas de idéias para resumir, etc, os fatais sujeitos que se consideraram melhores que portadores de princípios vão se tornar repentinamente a presa do romancista. Que aquisição súbita e inesperada para a literatura, essa que os ingleses chamam a "Ficção"!

Essa coisas, escritas desordenadamente e fora da minha casa de onde me expulsam neste momento mil preocupações, são alguns dos pensamentos que a leitura de seu último livro vivamente despertou em mim; perdoe-me esta redação precipitada e incoerente, mas não esqueço nada e assim que tiver o prazer de fazer em algum lugar [em artigo] *Os livros*, tudo isso tomará lugar em um estudo de conjunto experimentado sobre sua Obra. ([sic] Um ponto que me resta elucidar, e sobre o qual conversaremos quando tiver o prazer de vê-lo, é por que o senhor dá agora a certos diálogos por exemplo (uma vez na avenue de Marbeuf, e outros no reencontro do grupo, um pouco frequente, em cada canto de Paris) um ar de absoluta comédia, como com os jogos de cena, etc.: é bem literário e feito deliberadamente, não é? mas acredito que o senhor forçou-se a isso, por causa do grande emprego do procedimento contrário que faz a cada página do livro.

Adeus, até a primeira quinta-feira; espero então poder dizer o que se passa no *Athenaeum*⁴²: meu Deus! como o romance inglês, com alguns de seus tiques e suas aventuras previsíveis, está ainda longe de compreender o que o senhor e a geração francesa contemporânea querem!

Cordialmente seu,

Stéphane Mallarmé

}}}}}

⁴² A revista inglesa havia "maltratado" Zola em um texto da edição de 29 de abril de 1976, sendo que Mallarmé já o tinha resenhado e elogiado em dois textos recentes. Mallarmé se sente embaraçado pela situação, o que explica o final da carta.

A Émile Zola.

Rua de Roma, 87.

Segunda-feira, 3 de fevereiro de 1877.

Meu caro Confrade,

Acabo de reler de um só golpe o *L'Assommoir* que me faltava a cada domingo, recebendo a *République des Lettres*, já há algum tempo. A impressão causada por cada um dos pedaços era profunda; quanto mais a do livro inteiro! Obrigado duplamente, pois foi em um exemplar enviado pelo senhor que tive a alegria de relê-lo.

Aí está uma grande obra; e digna de uma época onde a verdade torna-se a forma popular da beleza! Aqueles que o acusam de não ter escrito para o povo enganaram-se em um sentido, tanto quanto aqueles que sentem falta de um ideal antigo: o senhor encontrou um que é moderno, é isso. O final sombrio do livro e sua admirável tentativa de linguística⁴³, graças à qual tantas modas de expressão frequentemente ineptas forjadas por pobres diabos ganham valor nas mais belas formas literárias, pois chegam a nos fazer sorrir ou quase chorar, a nós, letrados! isso me emociona profundamente; seria entretanto porque é para mim uma disposição natural ou uma conquista talvez mais difícil ainda para o senhor, não sei? mas o começo do romance é ainda o pedaço que prefiro. A simplicidade tão prodigiosamente sincera das descrições de Coupeau trabalhando ou do atelier de sua mulher me mantêm sob um encantamento tal que não conseguem me fazer esquecer as tristezas finais: o senhor dotou a literatura de algo absolutamente novo, estas páginas tão tranquilas que se viram como a todos os dias de uma vida.

Se eu lhe tivesse falado correndo o risco de entediá-lo durante uma hora ou duas com tudo que admiro nesse grande volume, eu me deixaria ir dizendo em seguida que a maravilhosa batalha do lavadouro me parece um pouco deslocada na obra, ou sair da personagem de [Gervaise], e que Nana passa talvez sem transição visível da menina corrompida e adoentada à bela mulher que ela se torna; mas o senhor estaria em tal

⁴³ Linguística aqui pode ser compreendida como estudo filológico.

vantagem, que não insisto. Um nada; entre puros erros de impressão, levantei um lapso de olho ou de pena que lhe interessará: este, na página 264, décima linha *Entre Gouget tout noir, les deux femmes semblaient deux cocottes mouchetées*.⁴⁴

Ora, é ele quem estava entre elas duas, não é? O senhor me perdoe, em favor de velhas manias de bibliófilo que tive: isso apenas prova que o lemos com cuidado.

Sigo, em muitos jornais, com a alegria que experimenta todo homem frente a uma antiga injustiça, enfim reparada (porque acabaremos por falar de novo de *la Curée*, de *la Faute de l'Abbé Mouret*, etc, sobre seu grande sucesso de hoje), a reviravolta da Crítica quanto ao senhor. Isso devia acontecer, o senhor não duvidava disso.

Adeus; o senhor ainda recebe às quintas (exceto nas noites de Première)? Ficaria muito feliz por ir lhe apertar a mão calorosamente: quanto mais por ter por acaso tanto frio nos dedos por causa do lugar de onde lhe escrevo esse fim de bilhete apressado, que paro, ilegível. Encontrei um exemplar do *Corbeau* que levarei para o senhor, da parte de Manet, estimado pelo senhor, e da minha, que o estimo. Muito solitário e trabalhando muito, não o vi em nenhum lugar, desde há muito; leio-o, por exemplo, no número do *Bien Public* de cada domingo⁴⁵: e temos, nesse outro terreno, as tábuas teatrais, senão a mesma visão, ao menos as mesmas aversões.

Cordialmente seu,

Stéphane Mallarmé

]]]]]]

⁴⁴ "Entre Gouget todo de preto, as duas mulheres pareciam duas cocotes pintadas." Na edição de 1878 (a 68ª edição), já encontramos a frase desse modo: "À Gouget tout noir, les deux femmes semblaient deux cocottes mouchetées..."; "Para Gouget todo de preto..."

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k96360z/f272.image.pagination.r=.langFR>, em 1º dez 2010.

⁴⁵ Trata-se de uma novela dramática que Zola vinha publicando nessa revista desde o ano anterior.

A Gustave Kahn.

Terça-feira, 8 [7] de junho de 1887.

Valvins.

Meu caro amigo,

Tinha trazido sua obra⁴⁶ para o campo, a fim de estudá-la sozinho e à vontade: depois o enfado, contra o mau tempo que me forçava a escrever, atrasou esta carta.

O senhor deve estar, de fato, orgulhoso! é a primeira vez, na nossa literatura e em qualquer uma, acredito, que um Senhor, face ao ritmo oficial da língua, nosso velho Verso, cria um por conta própria, perfeito ou antes exato e dotado de encantamento: há nisso uma aventura inaudita! O que se conclui disso é esse novo ponto de vista segundo o qual todo aquele que seja musicalmente organizado pode, ouvindo o arabesco especial que o comanda, e se consegue anotá-lo, fazer-se uma métrica internamente e fora do padrão geral (tornado monumento público em nossa cidade). Que deliciosa liberação! porque note bem que eu não o considero como tendo colocado o dedo sobre uma forma nova frente à qual a antiga desaparecerá: essa última permanecerá, impessoal, para todos e qualquer um que, livre para escolher, queira isolar-se diversamente. O senhor abre um desses atalhos, o seu: e faz isso de maneira não menos importante como se pudessem ser mil deles. As leis muito claras, reconhecidas pelo senhor na língua, e que percebemos rapidamente quando o lemos, existem ali, como muitas outras que sem dúvida um ouvido diferente perceberá. O charme é grande, independentemente das qualidades muito sutis propriamente suas e que dependem exclusivamente da poesia: além das músicas apropriadas há qualquer coisa como que muito rejuvenescida na palavra que se apresenta menos sustentada e sem aparatos, como talvez também ela perca assim o brilho complicado de suas facetas ausentes por não incrustar-se em uma fôrma melódica secular e por não se já parte do leitor.

⁴⁶ *Les palais nomades*, livro de versos.

Se fosse terça-feira, meu caro amigo, rua de Roma e não o meu canto de folhagem, conversaríamos ainda por muito tempo, tanto o seu caso excita o interesse ao mesmo tempo em que revela um sucesso seguro.

Sua mão; para o senhor

Stéphane Mallarmé

sssss

A Léo d'Orfer.

Quarta-feira, 27 de junho de 1884.

Meu caro Senhor d'Orfer,

É como um murro, que nos deixa a visão, um instante, ofuscada, sua injunção brusca:

"Defina a Poesia",

Balucio, abalado:

A poesia é a expressão do sentido misterioso dos aspectos da existência, trazida a seu ritmo essencial pela linguagem humana: ela assim supre de autenticidade nossa permanência e constitui a única tarefa espiritual.

Adeus; mas aceite minhas desculpas.

]]]]]]

A Paul Verlaine.

Paris, segunda-feira 16 de novembro de 1885.

Meu caro Verlaine⁴⁷,

Estou em atraso com o senhor, porque procurei o que emprestei, um pouco de um lado e outro, ao diabo, da obra inédita de Villiers. Apenso, o quase nada que possuo⁴⁸.

Mas informações precisas sobre esse querido e velho fugitivo, não sei: mesmo seu endereço, ignoro, nossas duas mãos se reencontram uma na outra, como se separadas na véspera, na volta de uma rua, todos os anos, porque existe um Deus. A parte isso, ele seria exato no encontro e, no dia em que, para os *Hommes d'Aujourd'hui*, tanto quanto para os *Poètes Maudits*, o senhor quisesse, indo melhor, encontrá-lo *chez* Vanier, com quem ele vai fazer negócio para a publicação de *Axël*, nenhuma dúvida, eu o conheço, nenhuma dúvida de que ele esteja lá na hora combinada. Literariamente, ninguém mais pontual que ele: é então de Vanier que se pode obter de início seu endereço, de Monsieur Darzens que até agora o representou junto a esse amável editor.

Se nada disso acontecer, um dia, especialmente uma quarta-feira, irei encontrar o senhor ao cair da noite; e, conversando, virão à memória para um e outro detalhes biográficos que me escapam hoje; não o estado civil, por exemplo, datas, etc., que só o sabem o homem em questão.

⁴⁷ Essa carta é a resposta a uma outra, bastante divertida, de Verlaine, de 10 de novembro, onde as pesquisas para o *Poètes maudits* se mostram em curso. Verlaine escrevera a Mallarmé: "Meu caro amigo, Imagine que toco em sua casa bem arrumado e que o entreviste... Seu lugar de nascimento? — Paris (nós o sabemos!) — Famílias, originárias de onde? data de nascimento? — Projetos literários (um detalhe sobre esta grande obra sobre a qual me escreveu). — Um ou dois poemas (prosa) (curta) e versos (curto) e inéditos? — O *Conventionnel* não presidiu durante o processo Louis XVI? Circunstâncias notáveis? Como morre? — Rápido! — É para noticiar em *Hommes du jour*, de Vanier. Para retrato, entenda-se com este último. — Mesmos detalhes sobre Villiers. — Vanier me diz que [o senhor] poderia conseguir livros de Villiers. Deixaria com o zelador em meu nome. Iria procurar dois dias ou um depois de carta sua e re-teria pela mesma via, depois de trabalho para *Poètes Maudits*, segunda série, terminado. — Muitas informações também sobre Villiers, homem do dia! Porque escrever para ele! — (Escrevo de minha cama onde reumatizado há dois meses (no joelho) e *usque quo* [até quando]? Crises, curativos, dores (e que tédio, se não pudesse trabalhar um pouco) — Seu e até logo, — Paul Verlaine." VERLAINE, 2005, p. 915-916.

⁴⁸ Esta é uma das cartas mais importantes de Mallarmé porque ela apresentará uma rápida auto-biografia, texto em cuja natureza encontramos sempre mais revelações do que as meramente expostas pelo próprio autor.



Passo a mim.

Sim, nascido em Paris, em 18 de março de 1842, na rua chamada hoje de passagem Laferrière. Minhas famílias paterna e materna apresentam, desde a Revolução, uma linha ininterrupta de funcionários na Administração de Registro⁴⁹; e ainda que tenham ocupado quase sempre altos cargos, me esquivei dessa carreira para a qual me destinavam desde as fraldas. Encontro traço do gosto de segurar uma pena, para outra coisa além de registrar atos, em muitos de meus ascendentes: um, sem dúvida antes da criação do *Enregistrement*, foi síndico das Livrarias sob Luís XVI, e seu nome me apareceu sob o "Privilégio do Rei"⁵⁰ colocado na apresentação da edição original francesa do *Vathek* de Beckford que reimprimi⁵¹. Um outro escrevia versos brincalhões nos *Almanachs des Muses* e nos *Etrennes aux Dames*. Conheci, ainda criança, no velho interior de burguesia parisiense familiar, M. Magnien, um primo em terceiro grau, que havia publicado um volume romântico descabelado intitulado *Ange* ou *Démon*⁵², que às vezes reaparece nas listas caras dos catálogos de livreiros que recebo.

Dizia, há pouco, família parisiense porque sempre moramos em Paris; mas as origens são *bourguignonnes*, *lorraines* também e mesmo holandesas.

Perdi, criança, aos sete anos⁵³, minha mãe, adorada por uma avó que me criou, de início; depois passei por muitos pensionatos e liceus, com alma lamartiniana e com um desejo secreto de substituir, um dia, Béranger, porque o tinha conhecido em uma casa amiga. Parece que era complicado demais colocar em prática, mas tentei por muito tempo em cem caderninhos de versos⁵⁴ que, se bem me lembro, me foram sempre confiscados.

Não havia como, o senhor o sabe, para um poeta, viver de sua arte mesmo a rebaixando muitos graus, quando entrei na vida; e jamais me arrependi disso. Tendo

⁴⁹ *Administration de l'Enregistrement*, normalmente abreviada como *Enregistrement*, que poderíamos generalizar traduzindo por "Cartório", por ser o equivalente mais próximo quanto à natureza do trabalho que o autor empreendia lá em sua juventude.

⁵⁰ No Antigo Regime, estatuto fornecido pela coroa à nobreza e ao clero, assim como a certas funções específicas de trabalho diretamente ligadas ao Rei.

⁵¹ *Vathek*, romance gótico escrito pelo autor inglês William Beckford (1760-1844), originalmente em francês, reorganizado e prefaciado por Mallarmé para a nova edição de 1876. Este livro lhe valeu alguma notoriedade, inclusive uma carta elogiosa de Flaubert. V. OC, II, "Notices, notes et variantes", p. 1572-1573.

⁵² Na realidade a obra se intitula *Mortel, ange ou démon*, e foi publicada em 1836.

⁵³ Mallarmé tinha, na verdade, cinco anos quando sua mãe morreu.

⁵⁴ Dentre os supostos cem, cinco sobreviveram. Esses cadernos apresentam muitos poemas copiados de suas preferências de leitura e uma reunião de seus próprios versos no volume intitulado por ele mesmo como *Entre quatre murs*. V. MONDOR, 1954. V. n. 13.

aprendido inglês simplesmente para melhor ler Poe, parti aos vinte anos para a Inglaterra, a fim de fugir, principalmente; mas também para falar a língua e ensiná-la em um canto, tranquilo e sem outro ganha-pão necessário: eu havia me casado e isso me apressava.

Hoje, lá se vão mais de vinte anos e apesar da perda de tantas horas, acredito, com tristeza, que fiz bem. É que, além dos pedaços de prosa e de verso de minha juventude e sua sequência, que lhe fazia eco, publicado um pouco em todos os lugares, cada vez que aparecia o primeiro número de uma Revista Literária, sempre sonhei e tentei outra coisa, com uma paciência de alquimista, pronto a sacrificar a isso toda vaidade e toda satisfação, como se queimava em outros tempos seu mobiliário e os caibros do telhado, para alimentar o forno da Grande Obra. O quê? é difícil dizer: um livro, simplesmente, em muitos tomos, um livro que seja um livro, arquitetural e premeditado e não uma antologia de inspirações do acaso, ainda que fossem maravilhosas... Iria mais longe, diria: o Livro, persuadido de que no fundo há apenas um, tentado ainda que insabido por quem quer que tenha escrito, mesmo os Gênios. A explicação órfica da Terra, que é o único dever do poeta e o jogo literário por excelência: porque o próprio ritmo do livro, agora impessoal e vivo, até em sua paginação, se justapõe às equações deste sonho, ou Ode⁵⁵.

Aí está, caro amigo, o depoimento de meu vício, posto nu, que mil vezes rejeitei, o espírito entorpecido ou lasso; mas ele me possui e eu talvez conseguirei, não fazer esta obra em seu conjunto (seria preciso ser não sei quem para isso!) mas mostrar dela um fragmento executado, fazer cintilar por um lugar sua autenticidade gloriosa, indicando o resto inteiro para o qual uma vida não é suficiente⁵⁶. Provar pelas porções feitas que este livro existe, e que conheci o que eu não poderia completar.

Nada tão simples então quanto eu não ter tido pressa para recolher mil migalhas conhecidas, que de tempos em tempos chamaram a atenção de encantadores e excelentes espíritos, o senhor o primeiro! Tudo isso não tinha outro valor momentâneo para mim senão entreter minha mão: e qualquer sucesso que possa significar por vezes um dos [pedaços] para todos esses espíritos é muito justo se compuserem um álbum, mas não um

⁵⁵ Lloyd James Austin chama a atenção para a ligação dessa ideia com a que está presente na carta enviada a Léo d'Orfer em junho de 1884. CM, II, p. 301, n. 4.

⁵⁶ L. J. Austin aventa a possibilidade de que Mallarmé considerasse *Hérodiade* uma "parte" a ser terminada. CM, II, p. 302, n. 1.

livro. É possível, entretanto, que o editor Vanier⁵⁷ me arranque esses farrapos mas só os colarei sobre umas páginas como se faz uma coleção de amostras de tecidos seculares ou preciosos. Com esta palavra condenatória "Álbum" no título, *Album de vers et prose*, eu não sei; e conterà muitas séries, poderá mesmo continuar indefinidamente, (ao lado de meu trabalho pessoal que, creio, será anônimo, o Texto ali falando de si mesmo e sem voz de autor).

Esses versos, esses poemas em prosa, além das Revistas Literárias, podem ser encontrados, ou não, nas *Publications de Luxe*, esgotadas, assim como o *Vathek*, o *Corbeau*, o *Faune*.

Precisei fazer, em momentos de incômodo ou para comprar dispendiosas embarcações, tarefas limpas e aí está tudo (*Dieux Antiques*, *Mots Anglais*) de que não convém falar: mas à parte isso, as concessões às necessidades como aos prazeres não foram frequentes. Se em um determinado momento, contudo, desesperando do despótico livrinho destacado de Mim mesmo, tenho, depois de alguns artigos divulgados daqui e de lá, tentado escrever sozinho, *toilettes*, joias, mobiliário, e até aos teatros e menus de jantares, um jornal, *La Dernière Mode*, do qual os oito ou dez números publicados servem ainda quando os desvisto de sua poeira para me fazer sonhar por bastante tempo.

No fundo considero a época contemporânea como um interregno para o poeta, que não tem absolutamente que se misturar com ela: ela está por demais obsoleta e em efervescência preparatória para que ele tenha outra coisa a fazer senão trabalhar com mistério em vista de mais tarde ou jamais e de tempos em tempos enviar aos vivos sua cartão de visita, estrofes ou soneto, para não ser mais perseguido por eles, se eles suspeitam que ele sabe que eles não têm lugar.

A solidão acompanha necessariamente essa espécie de atitude; e, além de meu caminho de casa (é 89, agora, rua de Rome) aos diversos lugares onde devo o dízimo de dez minutos, liceus Condorcet, Janson de Sailly enfim Colégio Rollin, vago pouco, preferindo a tudo isso, em um apartamento ocupado pela família, a permanência entre alguns móveis antigos e queridos, e a folha de papel frequentemente branca. Mas grandes amizades foram as de Villiers, de Mendès e, por dez anos, vi todos os dias meu querido

⁵⁷ Será, na verdade, Édouard Dujardin o futuro responsável pela publicação de *Poésies*, em 1887.

Manet⁵⁸, cuja ausência hoje me parece inverossímil! Seus *Poètes Maudits*, caro Verlaine, *À Rebours*, de Huysmans, fizeram se interessar por minhas terças-feiras por muito tempo sem assunto, jovens poetas que nos amam (mallarmistas à parte); e acreditou-se em alguma influência tentada por mim, lá onde não há nada além de encontros. Afinadíssimo, estive dez anos antes no lugar para onde espíritos parecidos deviam se voltar hoje.

Aí está toda minha vida despida de anedotas, ao contrário do que têm por tanto tempo repetido os grandes jornais, onde tenho sempre passado por estranhíssimo: perscruto e não vejo nada mais, os tédios cotidianos, as alegrias, excetuados os lutos internos. Algumas aparições em todos os lugares em que se monte um ballet, onde se toque órgão, minhas duas paixões de arte quase contraditórias, mas cujo sentido se refulgirá e é tudo. Esquecia minhas fugas, assim que, por demais tomado pela fadiga do espírito, à beira do Sena e da floresta de Fontainebleau, em um mesmo lugar há anos: lá me mostro completamente diferente, tomado pela navegação fluvial. Honro o rio, que deixa se abismarem em sua água dias inteiros sem que se tenha a impressão de tê-los perdido, nem uma sombra de remorso. Simples passeador em ioles de acaju, mas velejador furioso, muito orgulhoso de sua pequena frota.

Adeus, querido amigo. Lerá tudo isso, anotado a lápis para deixar o ar de uma dessas boas conversas de amigos retirados e sem explosões de voz, o senhor percorrerá de canto de olhos e aí encontrará, disseminados, os alguns detalhes biográficos a escolher, detalhes que se sente a necessidade de ter em algum lugar vistos veridicamente. Como lamento por sabê-lo doente, e de reumatismos! Conheço isso. Não use, só raramente, salicilato⁵⁹, e só o aceite da mão de um bom médico, a questão da dose é muito importante. Tive em outros tempos uma fadiga e como que uma lacuna de espírito depois dessa droga; e lhe atribuo minhas insônias. Mas irei vê-lo um dia e lhe dizer isso, levando um soneto e uma página de prosa que vou escrever por esses tempos, em sua intenção, qualquer coisa que vá, lá onde o senhor a colocar⁶⁰. O senhor pode começar sem esses dois bibelôs. Até mais, querido Verlaine.

⁵⁸ O pintor Édouard Manet, amigo do poeta, que havia morrido dois anos antes.

⁵⁹ Nosso conhecido ácido salicílico: aspirina.

⁶⁰ Mallarmé enviou *La Gloire*, que foi publicado em *Hommes d'Aujourd'hui* e o soneto *Toujours plus souriant au désastre plus beau*. CM, II, 304, n. 2.6

Sua mão

Stéphane Mallarmé.

O pacote de Villiers está com o zelador: nem precisa ser dito que zelo por ele como por minhas ameixas! Está lá o que não se encontra mais: quanto aos *Contes Cruels*, Vanier terá, *Axël* se publica na *Jeune France* e a *Eva futura* na *Vie moderne*.⁶¹

]]]]]

⁶¹ Esses dois últimos textos foram publicados, aos trechos, em diferentes revistas. Villiers morreria em 1889, sem ter terminado *Axël* a seu gosto.

A Paul Valéry⁶².

Paris, 25 de outubro de 1890.

Meu caro poeta,

O dom da sutil analogia, com a música adequada, o senhor o possui, certamente, o que é tudo. Eu o disse a nosso amigo M. Louÿs⁶³; e o digo novamente frente a seus dois breves e ricos poemas. Quanto a conselhos, só a solidão lhe dá e eu lhe invejo, lembrando-me das horas de província e juventude lá para o seu lado; que não reencontrarei mais.

Sua mão, coragem.

Stéphane Mallarmé.

∞∞∞∞

⁶² Paul Valéry (1871-1945) foi o mais importante discípulo direto de Mallarmé, de quem teve inicialmente notícia, provavelmente, através da obra de J.-K. Huysmans, *À rebours*, lida no ano anterior. Poeta e ensaísta, tinha nesse momento dezenove anos não completados, e escrevera pela primeira vez a Mallarmé, "do fundo de sua província" (morava nesse momento em Montpellier), enviando poemas e pedindo conselhos. V. CM, IV, p. 152-153, n. 1.

⁶³ Pierre Louis, dit Pierre Louÿs (1870-1925), poeta e romancista belga.

A Alfred Jarry.

Valvins, par Avon Seine-et-Marne, terça-feira [27 ou quarta-feira] 28 de outubro [1896].

Meu caro Jarry

Apenas para admirar *Ubu Roi*⁶⁴ e apertar-lhe a mão, baseado no ditado que diz que antes tarde. Acredito que, realmente, fora a preocupação durante o verão e poucas cartas, todos além de mim se deixaram tocar profundamente, aqui, no Natanson⁶⁵, por esta obra excepcional, declamada em alta voz, lida com todo espírito, para que se pudesse escrever sobre. O senhor colocou em pé, com uma argila rara e que permanece nos dedos, um personagem prodigioso e os seus (sua família); isso, meu amigo, como sóbrio e seguro escultor dramático. Ele entra para o repertório de alto gosto e me assombra; obrigado.

Seu,

Stéphane Mallarmé

]]]]]]

⁶⁴ *Ubu Roi* foi originalmente publicado em julho desse ano, e levado ao teatro em dezembro.

⁶⁵ Thomas Natanson era o diretor da *Revue Blanche*. Ele e sua esposa haviam passado, como Mallarmé, o verão em Valvins.

A Stéphane Mallarmé

Florença, 5 de maio [1897].

O senhor já me havia falado de, quando fui vê-lo só com Valéry — depois Valéry me mostrou as provas — mas, perdoe então o supérfluo desta carta — não posso me impedir de lhe escrever (como quando aplaudimos, irresistivelmente) lendo longamente — agora, em Florença — na *Cosmopolis*, que acaba de chegar — seu poema muito esperado. É de uma audácia literária tão admirável e simplesmente cometida; — parece criar-se ali como que um promontório avançado estranhamente, muito alto, depois do qual só há a noite — ou o mar e o céu pleno da aurora.

A última página me congelou em uma emoção muito parecida com a que me dá uma tal sinfonia de Bethoven (claro, não lhe conto nenhuma novidade) — Mas depois estes gritos —

Exceto —
talvez —
uma constelação
o degringolar de toda a orquestra em uma série de participios⁶⁶:
vigiando
duvidando
rolando
brilhando e meditando⁶⁷ —

E a grandeza pacificada da última frase, como o perfeito acordo final⁶⁸. — Isso é admirável. Perdoe-me por lhe dizer isso tão mal; e mesmo por lhe dizer — mas hoje, mesmo Florença não pôde me distrair do senhor; não posso fazer nada sobre isso, nem qualquer outra coisa.

⁶⁶ Gerúndios, na verdade.

⁶⁷ Versos da última página de *Um lance de dados*, na tradução de Haroldo de Campos.

⁶⁸ "Todo pensamento emite um lance de dados." Idem.

Acredite-me seu jovem amigo devotado.

André Gide

∞∞∞∞

A André Gide.

Valvins, par Avon Seine-et-Marne.

[Sexta-feira, 14 de maio de 1897]

Ah, caro Gide, como o senhor tem generosidade literária e como sua carta se parece com o senhor. Assim esta tentativa, uma primeira, esse tatear, não o chocaram, ainda se apresentando tão mal. *Cosmopolis* foi bravo e delicioso; mas só pude apresentar a coisa pela metade, e já era, para isso, arricar muito! O poema está sendo impresso, nesse momento, tal como o concebi⁶⁹: quanto à paginação, onde está todo o efeito. Eu enviarei a primeira prova conveniente para o senhor em Florença, de onde ela pode segui-lo para outro lugar⁷⁰. A constelação afetará, fatalmente, a partir de leis exatas e tanto quanto for permitido a um texto impresso, uma aparência de constelação. É aí que o barco aderna, do alto de uma página ao pé da outra, etc: porque, e este é absolutamente o ponto de vista (que foi preciso omitir em um "periódico"), o ritmo de uma frase a propósito de um ato ou mesmo de um objeto só tem sentido se ele os imita e, figurado sobre o papel, retomado da imagem original através das Letras, deve oferecer, apesar de tudo, alguma coisa. — Tagarelo, em vez de apertar-lhe a mão pelo seu seu impulso tão nobre e caro; adeus, coloque aos pés da Senhora Gide toda minha homenagem.

Seu amigo,

Stéphane Mallarmé

]]]]]]

⁶⁹ Mallarmé não ficara contente com a versão impressa da *Cosmopolis*, graficamente tão diferente do que ele esperava. Mallarmé, embora tenha visto algumas provas da versão em livro não conseguiu ver o volume pronto, publicado apenas em 1914.

⁷⁰ Procedimento comum do correio europeu à época: deixando um novo endereço, o destinatário poderia ter sua carta reencaminhada.

A Edvard Munch.

Valvins, próximo a Fontainebleau.

[Terça-feira] 15 de junho [1897].

Caro Senhor Munch,

Uma instalação lenta e em várias partes, aqui, de onde lhe aperto a mão, mal me dá a desculpa por não ter lhe agradecido o surpreendente retrato⁷¹, no qual me percebo intimamente.

Toda minha afetuosa gratidão e mil vezes obrigado.

Seu

Stéphane Mallarmé

]]]]]]

⁷¹ Em carta de 23 de maio, Geneviève, filha de Mallarmé, anuncia (a partir da Rua de Roma, em Paris, enquanto Mallarmé estava em Valvins) "oito livros de Mercure [de France, editora] chegaram em um pacote enorme. Além disso, o Sr. Munch, o desenhista norueguês do começo do inverno, envia o retrato que fez de ti [litografia, trabalhada a partir de um retrato]. É bem bonito, mas se parece com essas cabeças de Cristo impressas no lenço de uma santa e sobre as quais está escrito: "olha longamente, verás os olhos se fecharem".



A Auguste Rodin.

Valvins por Avon Seine-et-Marne.

[Domingo] 15 de maio [de 1898].

Meu caro Rodin,

Gostaria de ter estado em Paris, ontem, para aplaudir Mirbeau⁷² e guardava para este encontro com o senhor um aperto de mão em razão dos desgostos e tormentos que lhe causam; porque nada, sobretudo a grosseria — e digo isso mesmo sobre meus confrades, pode tocar a grandiosa serenidade da obra.

Os indivíduos, que espicham o texto de suas colunas, estão em vantagem, claro, para se conduzirem mal frente à posteridade, por que escapam dela.

Aí está uma pena pelo isolamento, não poder gritar sua fúria para as plantas ou para a água⁷³; [faço isso] e não perco a raiva: quem sabe, talvez, o senhor se sinta, depois de erguer os ombros, calmo, tendo toda a glória que consiste da certeza.

Esta palavra, caro Grande Amigo, recusando do senhor a perda de um minuto e a menor resposta; somente para que eu não deixe longe de sua mão, durante esta crise de hostilidade demente e estúpida. Obrigado, alertei sobre sua lembrança às Damas de Paris⁷⁴ e espero, como elas, mas irei vê-lo e a Balzac antes disso, que estejamos todos aqui, neste verão, para aproveitar seu passeio em Seine-et-Marne.

O culto

de

Stéphane Mallarmé

⁷² Mallarmé trata aqui do artigo escrito por Mirbeau, "Ante Porcos", defendendo os esboços para a estátua de Balzac, feitos por Rodin, que haviam sido recusados e difamados pelo comitê da Sociedade des Gens de Lettres.

⁷³ A casa de Mallarmé, em Valvins, fica à beira do rio Sena, com a floresta de Fontainebleau à vista, do outro lado do rio.

⁷⁴ Marie e Geneviève, a quem Rodin se havia recomendado em sua última carta.

